

**A cerimônia *Tooro Nagashi*:
folkcomunicação promotora do desenvolvimento no Vale do Ribeira/SP¹**

Cristina Schmidt ²

Rosália Maria Netto Prados³

Kelli Pereira de Oliveira⁴

Sônia Cristina Martins Mendonça⁵

RESUMO

Os imigrantes japoneses preservam a história e o saber de sua gente, ao mesmo tempo em que articula suas práticas às dinâmicas sociais atuais. Suas tradições estão presentes em diversas regiões do país, como no Vale do Ribeira, criando um diferencial para a localidade. Esse artigo objetiva descrever uma dessas expressões configurando um grupo cultural, que por meio dessa festividade comunica seus valores, ideias e incrementam a economia: a cerimônia *Tooro Nagashi*, que ocorre há mais 60 anos na região ribeirense. Para isso, fez-se um levantamento bibliográfico e análise de jornais ligados às organizações e aos grupos japoneses para identificar o modo de divulgação da festa e as políticas culturais relacionadas. Esses materiais demonstraram a importância da festividade como processo folkcomunicação que demarca a identidade e promove o desenvolvimento socioeconômico regional.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Cultura Japonesa; Produção Cultural; Política Pública, Desenvolvimento Local.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Cristina Schmidt. Doutora em comunicação e Semiótica pela PUC-SP; Mestre em Teoria e Ensino em Comunicação pela Metodista-SP, Pós-doutoranda pela Cátedra UNESCO/Umesp. Atualmente é Coordenadora, professora e pesquisadora do Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes- UMC. Também é Coordenadora e professora na Faculdade Bertogã – FABE. E-mail: cris_schmidt@uol.com.br.

³ Rosália Maria Netto Prados. Doutora em Semiótica e Linguística Geral-USP; pós doutora em Ciências da Comunicação-ECA/USP; especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e graduada em Letras e em Pedagogia, pela Universidade de Mogi das Cruzes. Professora e pesquisadora no Mestrado em Políticas Públicas na Universidade de Mogi das Cruzes- UMC. E-mail: rosalia.prados@gmail.com.

⁴ Kelli Pereira de Oliveira. Pesquisadora no Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade de Mogi das Cruzes – UMC; cursa o Mestrado em Políticas Públicas – UMC. E-mail: keli.peoli@gmail.com.

⁵ Sônia Cristina Martins Mendonça. Pesquisadora no Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade de Mogi das Cruzes – UMC; cursa o Mestrado em Políticas Públicas – UMC. E-mail: soniascmm@yahoo.com.

1. Introdução

No contexto geral, a cultura está associada a várias facetas que determinam o modo de vida e visão de mundo concebida e difundida de uma geração que é transmitida a outra. São conhecimentos perenes, entre os quais crenças, músicas, artes, arquitetura, danças, e outros, são fatores que fazem parte do processo de identificação comunitária. Cada grupo, das mais antigas até as mais atuais, deixam marcas importantes que fundamentam a história. Vivências que carregam valores, princípios, paradigmas e com eles suas verdades, seus saberes.

Segundo Williams (1992, p. 34) “Cultura é o modo de vida global de determinado povo e estudar as relações sociais da atividade cultural é descrever as condições que se relacionam com essa forma, permitindo ou impedindo seu ‘livre’ exercício”. Dentre os povos que nos influenciaram cultural e socialmente, destacam-se os japoneses.

A tradição de um povo pode ser perpetuada por meio de costumes e práticas. Segundo Silva e Silva (2006) “tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade” (SILVA e SILVA, 2006, p.38).

Além do que, como seres de comunicação, transmitem o conhecimento aos seus descendentes. O conhecimento, ao longo do processo histórico, foi classificado, organizado, armazenado, antes informalmente, mas desde a antiguidade clássica, existe uma preocupação filosófica sobre a sua categorização. Mais tarde, na Idade Média, o conhecimento passa a ser organizado e, na era moderna, seguem-se discussões sobre a distinção entre conhecimento de senso comum e conhecimento científico. No entanto, todo conhecimento armazenado, formal ou informalmente, constitui a referência cultural de uma comunidade. Uns por meio de ensinamentos escritos, outros pela transmissão oral. A preservação é importante para que gerações futuras tenham consciência do valor histórico de seu povo.

No contexto da folkcomunicação esse processo pode ser definido como “os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos”, afirma Hohlfeldt citando Luiz Beltrão. (2001)

São diversas as formas de expressão popular que fazem a transmissão de valores e sentimentos como mídias próprias ao seu público. Inúmeros são os

formatos e mensagens que apresentam essas significações. A cultura é a grande tela onde estão configuradas essas maneiras de exibir os conteúdos produzidos no cotidiano de cada grupo, de acordo com suas necessidades materiais e imateriais. (SCHMIDT, 2011, 121)

Para este artigo, preponderantemente, é muito valioso destacar como as expressões culturais se colocam como folkcomunicação – mídia ou processo – para que essas histórias herdadas e ressignificadas ao longo dos tempos adquiram papel demarcador de identidade extragrupo, pois vai além de uma única etnia, e resultem em promotores econômicos para uma região.

Portanto, apresenta alguns conteúdos históricos sobre a cultura japonesa na realidade brasileira, mais especificamente no Vale do Ribeira, em que se caracteriza uma diversidade cultural significativa. E ainda, busca contribuir com reflexões sobre as formas de divulgação dessa cultura e as decorrências políticas e econômicas resultantes de suas expressões.

2. A imigração japonesa

2.1. A chegada ao Brasil

De acordo com Handa (1987), os primeiros imigrantes japoneses chegaram no Brasil em 1908, no navio *Kasato-maru*. Eram cerca de oitocentos imigrantes que, movidos pelas promessas de rápido enriquecimento, vieram na esperança de enriquecer e voltar a seu país. Buscavam condições para que suas famílias e seus descendentes pudessem realizar o sonho da vida perfeita.

Ao trocarem sua pátria por uma que não conheciam tinham apenas uma certeza: estavam em condições miseráveis em sua Terra Natal, não havia emprego nem comida suficiente para alimentar suas famílias. Tinham que fazer algo para que não chegassem a miséria total.

Saíram de seu país com o contrato de trabalho assinado com a Companhia Imperial de Emigração para trabalharem na colheita de café. A promessa de uma terra fértil com estrutura que daria condições de criarem seus filhos, viverem tranquilamente, ficarem ricos, muitos embarcavam sem saber que estavam caindo em uma cilada, iludidos com falsas promessas.

Conforme Handa (1987), mesmo aqui no Brasil, quando chegaram acreditavam no sonho. Custaram a admitir que tudo não passava de uma ilusão. Nestas circunstâncias, eles

eram apenas mão de obra barata. A mão de obra que estava escassa por conta da abolição da escravatura.

Quando chegaram ao Brasil era época da festa de São João. Nestes dias, o povo brasileiro realizava suas comemorações com balões e rojões. O barulho ensurdecedor, trazia alegria aos corações dos japoneses. Eles achavam que os brasileiros estavam comemorando sua chegada. Acreditavam que a presença deles no país era realmente reconhecida. Até então, o Brasil era visto como a Terra abençoada, onde tudo que se plantava era colhido com grandes farturas.

Ainda segundo Handa (1987), as propagandas feitas no Japão eram de que no Brasil cada família teria seu lote de terra. A terra seria promissora. O pouco que se plantava, colhia-se muito. As fazendas de café eram vistas como o meio mais fácil de ganhar dinheiro. Era considerado o Ouro Preto da época. Os japoneses não tinham ideia de que todo benefício mencionado seria cobrado, e com juros altos. Os chefes de família tinham a convicção de que ficariam um certo tempo no país, juntariam muito dinheiro e retornariam à sua pátria querida, com fortunas capazes de ajudar todos os familiares que deixaram no Japão.

Nada disso era fato. A realidade era muito diferente. Tudo era cobrado. As passagens de navio, remédios, hospedagem, alimentação, que ficavam em locais estratégicos de forma que os imigrantes poderiam consumir. Comprar mesmo sem capital. Entretanto, os preços eram exorbitantes e a dívida dos imigrantes só aumentava.

O trabalho na lavoura de café era árduo, acordavam cedo saíam para trabalhar por volta das 6 horas e retornavam ao pôr do sol. Sempre de segunda-feira ao sábado. Esse trabalho árduo deveria ser compensado. Não podiam desanimar. Então, as famílias uniam-se nos dias de folgas para cuidar da plantação independente. Era uma forma de conseguir mais recursos para as famílias.

Tanto esforço não foi em vão. A forma peculiar de trabalhar com estruturas organizadas na agricultura trazia o destaque para o povo nipônico. Desta forma, os imigrantes japoneses começavam a elevar-se socialmente e a integralizar à sociedade brasileira por meio de seus sucessores.

Os japoneses eram um povo diferenciado dos demais imigrantes que habitavam o Brasil. Para eles, a preservação da cultura estava diretamente relacionada à educação. Assim sendo, logo após se instalaram nas fazendas de café criaram uma associação de

forma que pudessem resolver os problemas que surgiam da comunidade nipônica local. E uma escola de ensino elementar para as crianças.

A preocupação era que os descendentes não perdessem o contato com a língua japonesa e a cultura de seu país de origem, já que a diferença cultural entre Brasil e Japão era tamanha. Isto posto, os japoneses se sentiam mais confortável na associação.

A associação era considerada um refúgio para preservação, transmissão, orientação e disseminação de informações sobre o seu país. Segundo Moraes “Os imigrantes japoneses e seus descendentes obtiveram resultados satisfatórios na criação de entidades e organização de apoio a seus patrícios, assim promovendo políticas públicas a favor da comunidade nipo-brasileira, muitas vezes com auxílio do governo japonês e brasileiro”.

Antes da Segunda Guerra Mundial cada local habitado por japoneses sempre havia uma associação. Composta de presidente, tesoureiros e um educador. O presidente tinha a função de garantir recursos para criar e manter a escola. Era preciso que este fosse perseverante e se despusesse a estar em contato com o consulado. Foi a forma encontrada para manter subsídios para cada núcleo.

Após a guerra, as associações desapareceram e houve o fechamento das escolas japonesas. Os descendentes *nisseis*, adultos, estavam inseridos na sociedade brasileira, nesta época já não eram considerados imigrantes. Os mais velhos não gostavam desta unificação. Pois as colônias já não eram compostas somente de *isseis*. Faziam parte os *nisseis* e os *sanseis*. A associação ficou conhecida como colônia japonesa.

Com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, houve rupturas nas associações. Eram desentendimentos entre o grupo Vitorista e o grupo Derrotista.

Após o acordo diplomático entre Brasil e Japão não havia por que a colônia japonesa estar facetada. Conforme (HANDA, 1987. p. 762), este acontecimento levou a formação da Fundação da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, em 1955, que deveria tornar-se a entidade central da colônia japonesa no Brasil.

Em 1968 a fundação trocou de nome, em comemoração ao 50º ano da imigração japonesa para o Brasil, para Sociedade Paulista de Cultura Japonesa e de Assistência Social – *BUNKYÔ* (*Nihon Bunka Kyôkai*). Uma associação que aceitava membros que não fossem somente os *isseis*. E que tinha como foco a “Cultura” ampliando assim, o conceito inicial da associação.

Segundo Williams (2000, p. 10) “Cultura é entendida como configuração ou generalização do espírito que informava o modo de vida global de determinado povo”.

Com o *Bunkyô* foi criada uma nova modalidade de associados, categorizados por membro-fundador, membro-efetivo e membro pessoa-jurídica japonesa, além de ter como função, a concessão de bolsas de estudos.

Arelada à associação criou-se como órgão auxiliar, a Aliança Cultural Nipo-Brasileira, atual Cultura Brasil-Japão, que tinha a finalidade de desenvolver atividades de intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão, tendo como público-alvo principalmente os *nisseis*, *sanseis* e o brasileiros não-descendentes em geral. (HANDA. 1987).

Nascia assim, a preocupação com o desenvolvimento da cultura da Colônia. A cultura era vista como instrumento de preservação dos valores japoneses e de seus descendentes. Tinha a função de manter as atividades culturais, enaltecendo a união, a saúde, o esporte, o lazer, os festejos, a culinária e toda dinâmica cultural deste povo.

2.2. Os japoneses no Vale do Ribeira

São Paulo é o maior polo de concentração de japoneses fora do Japão, são aproximadamente um milhão de pessoas. No Vale do Ribeira, estima-se que a colônia tenha pelo menos cinco mil famílias (FORTES, 2013).

O Vale do Ribeira tem um papel de grande significância na preservação da cultura nipônica no Brasil. Foi neste local, em 1912, por meio de um acordo firmado entre o Governo de São Paulo e o Sindicato de Tokyo, os primeiros japoneses trouxeram toda sua força de trabalho e toda sua sabedoria para trabalhar nas lavouras. Neste acordo os japoneses obtiveram como benefícios terra, recursos financeiros e isenção de impostos.

Por dominarem a agricultura vinham para o país para trabalhar na terra. Cada família recebia um lote para o plantio. Trouxeram em suas bagagens enormes conhecimentos. Apresentaram-nos o arroz que é um marco relevante na nossa cultura alimentar até hoje. Com o passar do tempo integraram-se à população local, aprenderam o idioma, mas sempre preocupados em manter viva a cultura de seu país.

“No dia 9 de novembro de 1913, chegavam ao bairro Jipovura, em Iguape, vinte famílias de colonos japoneses, liberados pelo Dr. Ikutaro Aoyagui. No local, foi estabelecida a Colônia Katsura, em homenagem ao ministro japonês Taro Katsura” (FORTES, 2013). Era um povo regrado que possuía maestria no trabalho para diversos tipos de lavouras como a plantação de arroz, de frutas, como o morango, o caqui, o poncã, o caqui e de hortaliças como o pepino, a acelga, a abóbora japonesa.

A vinda dos japoneses para a região muito contribuiu na agricultura nacional. Já que eram determinados e possuíam técnicas diferenciadas que elevou a agricultura local a um grau de excelência. Foi no Vale que se formou a primeira grande colônia japonesa composta pelas cidades de Iguape, Registro, Sete Barras e *Katsura*. A área da colônia foi dividida em 27 lotes de 25 hectares cada um, e mais cinco lotes de 15 hectares destinados aos colonos sem recursos. (FORTES,2013)

Houve um destaque para a colônia *Katsura*, com alguns momentos de glória. Nela encontravam-se peças importantes da engrenagem comercial. Possuía uma agricultura diversificada. Embora tivessem como ponto forte, o plantio de arroz que servia tanto para o consumo nas refeições, tanto para fazer bebidas alcoólicas muito usadas pelos japoneses, o saquê. Utilizavam a técnica da sericultura. Criação do bicho-da-seda onde seu produto final servia tanto para venda, como para confeccionar tecidos que vestiriam a população. Também havia um amplo comércio local. Agência dos Correios – essencial para as comunicações e envio de mercadorias. Serralheria – imprescindível na construção das habitações.

As casas possuíam traços do país de origem dos imigrantes. Arquiteturas belíssimas de residências em madeira. Adotavam técnicas tradicionais da construção da carpintaria, no qual encaixavam as estruturas de madeira na trama, não usavam pregos para amarração. Este tipo de residência pode ser visualizado até hoje na cidade de Registro.

A Colônia *Katsura*, inicialmente, foi administrada pela *Brasil Takushoku Kaisha*, sendo posteriormente encampada pela *KKKK – Kagai Kogyo Kabushiki Kaisha*. *Katsura* – foi o marco inicial para a fundação das colônias de Registro e Sete Barras. (FORTES, 2013)

Vestígios da Segunda Guerra Mundial abalaram as estruturas da Colônia *Katsura*. Fatores como: ser um lugar isolado, ter meio de transportes precário, tornava as transações comerciais dificultosas. O rio que cortava a cidades era outro fator complicado, fazendo do assoreamento um inimigo constante. Pois as enchentes destruíam basicamente todas as plantações.

Os problemas foram-se agravando. A colônia foi paulatinamente esvaziando até o início da década de 1960, quando totalmente deserta deu-se sua extinção. Hoje, temos no Vale do Ribeira como Políticas Públicas de preservação do patrimônio histórico/cultural nipônico a colônias de Registro de Iguape. Em 2006, o município de Registro recebeu o título de “Marco da Colonização Japonesa”, por meio do Decreto Estadual nº 50.652.

Declara o Município de Registro “Marco da Colonização Japonesa”
GERALDO ALCKMIN, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO

PAULO, no uso de suas atribuições legais, Considerando que o município de Registro foi uma das primeiras localidades do País a implantar colônias de imigrantes; Considerando que em 1912 foi firmado acordo entre o Governo do Estado de São Paulo e o Sindicato de Tóquio e em 1914 a empresa Brasil *Takuschoko Kaisha* já possuía escrituras de uma gleba de 87 hectares no lugar denominado "Posto de Registro", além de ter recebido doação de terras devolutas pela Câmara de Iguape; Considerando que a partir de 1918 o governo japonês coordenou a fusão de diversas empresas particulares de imigração e fundou a estatal *Kaigai Kôgyô Kabushiki Kaisha* - KKKK, sediada no município de Registro; Considerando que essa filial da Companhia Imperial Japonesa de Imigração passou a subsidiar as passagens dos imigrantes e introduziu na colônia de Registro mais de 450 famílias japonesas; Considerando a importância da contribuição dos colonos para a integração geográfica do Vale do Ribeira; Considerando que os imigrantes japoneses também contribuíram efetivamente para a economia de Registro, com expressiva presença na agricultura, na indústria, no comércio e na prestação de serviços especializados; Considerando que Registro cresceu marcada fortemente pela presença dos imigrantes; e Considerando que o Município de Registro se constitui na principal referência quando se fala em colonização japonesa no Estado de São Paulo e no Brasil, Decreta: **Artigo 1º** - O município de Registro fica declarado "Marco da Colonização Japonesa". **Artigo 2º** - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação. Palácio dos Bandeirantes, 30 de março de 2006. (SÃO PAULO, 2006).

Em 2008, o município de Iguape passou a ser oficialmente considerado o “Berço da Colonização Japonesa no Brasil”, por meio da Lei Federal nº 11.642.

2.3. A Cerimônia Tooro Nagashi

Considerado por muitos uma festa, mais do que isso, é uma cerimônia em homenagem aos mortos.

Tooro Nagashi de Registro. Há cerca de 60 anos um viajante japonês passou pela região de Registro e hospedou-se numa pensão de Sete Barras. Certa manhã, desceu ao rio para lavar o rosto, caiu e se afogou. Sua família, no Japão, pediu ao *obosan* (sacerdote) da *Nichirensu* (uma das doutrinas do budismo) da mesma terra (província de Fukui), que um dia rezasse no Brasil pela alma do filho falecido. Em 1954, o casal *Emei* e *Myoho Ishimoto*, recém-casados no Japão, veio para São Paulo. *Emei Ishimoto*, que também era *obosan* da *Nichirensu*, procurou *Bunzo Kasuôga*, único adepto da *Nichirensu* de Registro e realizou o primeiro *Tooro Nagahi*, em 1955. Nesta cerimônia religiosa foram soltos sete *tooros* em homenagem as sete vítimas das famílias *Hajime Yoshimoto*, *Tomeji Musha* e *Teizo Akume* entre outros. O sacerdote *Emei Ishimoto* e *Buzo Kasuga* conseguiram a doação de um terreno da Prefeitura Municipal de Registro para construir o monumento em homenagem às vítimas de afogamento, que foi erguido na Rua Miguel *Aby-Azar*, às margens do Rio Ribeira do Iguape, onde é realizada anualmente a cerimônia religiosa de *Tooto Nagashi*... A cerimônia é ecumênica e conta com a participação de adeptos de diversas religiões, além da *Nichirensu*

do Brasil, Registro *Honganhi*, Igreja Católica e da *Seicho-no-Iê*. As orações são dirigidas a todos os antepassados e não apenas às vítimas de afogamento. Na noite de dois de novembro, antes de soltar os *tooros*, dois jovens batem *taiko* em um barco, para purificação das águas do rio. Depois os barquinhos começam a ser colocados um a um, colorindo as águas do rio Ribeira de Iguape. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIPO BRASILEIRA DE REGISTRO, 2014, p.08)

O *Tooro Nagashi* de Registro é uma celebração típica da cultura japonesa de homenagem aos antepassados. Atualmente, está em sua 60ª edição. A cidade fica repleta de visitantes que para assistir a tradicional cerimônia de homenagem aos mortos. Começa com um Ato Inter-religioso para as almas dos antepassados, no Monumento das Almas que fica no Cemitério da Saudade. Continua com a cerimônia de Purificação das águas do rio Ribeira de Iguape.

À noite, acontece o ponto culminante da festividade, onde são soltos milhares de barquinhos (*tooros*) iluminados por velas. Cada *tooro* posto na água representa a alma de um ente querido.

Os barquinhos são soltos à noite por motivos óbvios: para que a iluminação à vela tenha um destaque maior. O rio fica repleto de *tooros* navegando pelo rio Ribeira de Iguape com suas luzes refletidas nas águas. Ao mesmo tempo vários fogos de artifícios iluminam o céu trazendo para os visitantes uma harmonia perfeita de paz e tranquilidade. É uma cerimônia para confortar os corações dos vivos e um acalento a alma dos mortos.

O *Tooro Nagashi* já faz parte do calendário turístico da cidade de Registro. Atrai muito curiosos e adeptos a cultura japonesa. Além da cerimônia religiosa de homenagem aos mortos há apresentações de danças típicas japonesas. Como as danças de *Bom Odori*, a de *Minyo Yamatokaiu* e a de *Matsuri Dance*. Exibição da luta de Sumô com cerca de cem lutadores. Barracas com várias comidas típicas japonesas. Como o *Tempura*, *Yakisoba*, *Sashimi* entre outras. E barracas com diversos tipos de Quimonos (roupa tradicional japonesa). Roupas que não fazem mais parte do cotidiano dos japoneses, mas ainda são usados em ocasiões especiais como casamentos, cerimônia de graduação e ritos de passagem de idade.

3. A cultura japonesa nos jornais

Nesta pesquisa, o método usado na análise de conteúdo foi o método qualitativo. Segundo Campos (2004, p. 611) esse método é compreendido como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Segundo Campos (2004) o método se estrutura em duas fases. A primeira fase é a de pré-exploração do material ou de leitura flutuantes do *corpus* das entrevistas. Na leitura flutuante toma-se contato com os documentos a serem analisados, conhece-se o contexto e deixa-se fluir impressões e orientações. Os documentos analisados neste artigo foram duas matérias sobre o 60º ano do *Tooro Nagashi* na cidade de Registro/ SP, sendo uma publicada na edição 2496, ano 17 do jornal *Nippak*, de 30 de outubro de 2014, regional, específico da cultura japonesa e a edição nº 1.111 de 31 de outubro de 2014 do jornal Regional do Vale do Ribeira, regional - ambos anteriores à festividade do *Tooro Nagashi*.

Na coleta consideramos todos os materiais que, direta ou indiretamente, envolviam questões da cultura japonesa, da festividade e das Políticas Públicas relacionadas, levando em conta aspectos importantes para a composição do contexto e posterior análise como: a Identificação do veículo, Marcas históricas e culturais da manifestação e/ou da política, os gêneros dos conteúdos veiculados, eixos demarcadores de tempo e espaço, formas e localização no veículo.

3.2. Jornal *Nippak*

O jornal *Nippak* é um veículo de comunicação da Editora Jornalística União Nikkei Ltda., o único jornal semanal voltado à comunidade *Nikkei*. É um jornal destinado a informar, vigorar os laços de tradição japonesa e valorizar suas personalidades, com um conteúdo diferenciado das grandes mídias.

O jornal é considerado um exemplo de serviço de qualidade prestado à comunidade nipo-brasileira com ampla diversidade de temas e aberto à pluralidade de opiniões.

Tem como missão informar imigrantes japoneses e seus descendentes sobre todos os assuntos de ordem técnica, cultural, agrária, econômica e social, além de manter a imparcialidade nas questões de natureza política (ABE, 2013). Nesse sentido, é pertinente estudá-lo e conhecer seu conteúdo, devido a sua importância na transmissão de informações aos nipo-brasileiros sobre a cerimônia típica da cultura japonesa.

3.3. Jornal Regional Vale do Ribeira

O Jornal Regional Vale do Ribeira, que também foi analisado, é um jornal semanal de grande credibilidade, sediado na cidade de Registro/ SP. Circula as sextas-feiras em onze municípios do Vale, publicado sob a responsabilidade da Editora e Agência Sul Paulista de Comunicações Ltda.

A pertinência de analisar este jornal deu-se por ser um jornal dedicado a todas as cidades da região do Vale do Ribeira, com a missão de divulgar os eventos regionais e também as principais notícias do Vale do Ribeira, do Brasil e do mundo.

A segunda etapa da análise de conteúdo é a seleção das unidades de análise. Conforme Campos (2004) o evidenciamento das unidades de análise temáticas que são recortes do texto, consegue-se por meio de um processo dinâmico e indutivo de atenção ora concreto com a mensagem explícita, ora com as significações não aparentes no contexto. Campos afirma que o processo de codificação com sinais ou símbolos que permitem seu agrupamento posterior (em categorias ou subcategorias), geralmente é muito individual. Desta forma, segue abaixo a tabela, conforme condicionou-se ser a melhor forma para demarcação dos eixos em cada categoria.

3.4. Resultados Obtidos

Categoria	Eixos demarcados
Caderno Cotidiano Informativa/ Divulgação Editorial Tradição/ Chamada de Capa- parte superior com foto	“Queremos mostrar que o <i>Tooro Nagashi</i> não é só festa, mas principalmente, que se trata de uma cerimônia, cujo objetivo é prestar uma homenagem aos antepassados.” Fotos com vários barcos iluminados no rio Ribeira de Iguape representando os mortos.

Tabela 1: Jornal Nippak. Chamada de capa.



Categoria	Eixos demarcados
Informativa/ Tradição/ Costumes Registro Especial – P.08 Página inteira com fotos e patrocinadores	História e objetivo do <i>Tooro Nagashi</i> “No ano em que se completa 60 anos de existência, o <i>Tooro Nagashi</i> de Registro, o mais tradicional do país, volta suas atenções para suas raízes.”

Agenda Cultural Religiosa	“No sábado (1º de novembro) o ponto mais alto é a cerimônia Inter-religiosa no Monumento das almas, e no domingo (2 de novembro), o culto de Seichô-no-Iê a cerimônia de purificação das águas do Rio Ribeira de Iguape e o ato Inter-religioso para as almas dos antepassados. Além da soltura dos barquinhos nas águas já purificadas.”
Atores envolvidos	Toshiaki Yamamura-Presidente da UCES (União Cultural e Esportiva Sudoeste); FENIVAR – Federação das Entidades Nikkeis do Vale do Ribeira; Equipe de Reportagem da NHK; Emissora estatal do Japão; Consul Geral do Japão em São Paulo; – Noriteru Fukushima; Público estimado: 15 a 20 mil visitantes.
Publicidade Agradecimentos das empresas	FENIVAR – Federação das Entidades Nikkeis do Vale do Ribeira; ACER – Associação Cultural e Esportiva de Registro; BUNKYO de Registro; UCES (União Cultural e Esportiva Sudoeste); Franco Oia – Fazenda Barra do Quilombo-Registro/SP; NAKATSUGAWA – Associação das cidades irmãs de Registro.
Estratégias Midiáticas	
Serviços gastronômicos	“A praça de alimentação, por exemplo, conta com os já tradicionais pratos típicos preparados pelo funjiinbu do Bunkyo.”
Entretenimento	“Nos dias 1 e 2 de novembro, haverá ainda diversas atrações como tambores do Ribeira Ryofu Daiko, Manyo Yamatokai (dança folclórica), Bon Odon e Matsuri Dance (dança contemporânea jovem) do Onigini Seinenbu de Registro. No encerramento haverá show pirotécnico.”

Tabela 2: Jornal Nippak. Página 08. Registro especial.

Categoria	Eixos demarcados
Temporalidade: Passado História do Tooro Nagashi de Registro Informativa/ Tradição/ Costumes Registro Especial – p.09 Página inteira com fotos e patrocinadores	“Emei Ishimoto, que também era obosan da Nichirensu, procurou Bunzo Kasuga, único adepto da Nichirensu de Registro e realizou o primeiro Tooro Nagashi em 1955. Nesta cerimônia religiosa do primeiro Tooro Nagashi de Registro, foram soltos sete tooros em homenagem a sete vítimas.”
Agenda Cultural Religiosa	A cerimônia Ecumênica Religiões: Nichirensu do Brasil; Registro Honganji; Igreja católica; Seicho-no-iê
Estratégias Midiáticas Evento	Apresentação de Sumô acontece no domingo com a presença de 100 lutadores.
Publicidade	14 menções de parabenizações de japoneses pela organização e realização da 60º <i>Tooro Nagashi</i> ; Empresas: Satoru Sasaki Plantas ornamentais; AGCO; Lito Palace hotel; Oriente – pastelaria e pizzeria.

Tabela 3: Jornal Nippak. Página 09. Registro especial

Categoria	Eixos demarcados
Informativa/ divulgação Editoria tradição/ Chamada de Capa – Centro com foto	“Cerimônia de <i>Tooro Nagashi</i> completa 60 anos.”

Tabela 4: Jornal Regional Vale do Ribeira. Chamada de capa.



Categoria	Eixos demarcados
Informativa p.16 (1/3 de página - parte superior) com foto	“Tradicional no Vale do Ribeira e pioneiro no país, o <i>Tooro Nagashi</i> de Registro, celebração típica da cultura japonesa em homenagem aos antepassados, chega a sua 60ª edição.”
Agenda Cultural religiosa	Sábado 01/11: Cemitério da Saudade – Cerimônia inter-religiosa no monumento das almas; Apresentação de danças de Minyo Yamato-kay; Wadaiko do Bunkyo de Registro; Bon Odori; Matsuri Dance. Domingo 02/11: Culto Seicho-no-iê; Exibição de Sumô; Cerimônia de purificação das Águas do rio Ribeira de Iguape; Ato inter religioso para as almas dos antepassados; <i>Tooro Nagashi</i> (soltura dos barcos); Apresentação de danças; Queima de fogos.
Atores envolvidos	Associação Nipo brasileira de Registro (Bunkyo); Associação Cultural e Esportiva de Registro (ACER); Federação das Entidades Nikkeis do Vale do Ribeira (FENIVAR); Prefeitura Municipal de Registro; Amavales; Auto pista Régis Bittencourt – Arteris; Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Tabela 5: Jornal Regional Vale do Ribeira. Seção – Tradição. Página 16.



Conforme os jornais, cujas matérias analisamos, a cerimônia *Tooro Nagashi*, tradicional no Vale do Ribeira, é abordada de forma resumida no jornal regional Vale do Ribeira, responsável por difundir a cultura local à sociedade do Vale do Ribeira, mostra apenas a chamada e capa com foto central e retoma de forma sucinta na página 16, com 1/3 de página - parte superior com foto:

“Tradicional no Vale do Ribeira e pioneiro no país, o *Tooro Nagashi* de Registro, celebração típica da cultura japonesa em homenagem aos antepassados, chega a sua 60ª edição” (jornal O Vale do Ribeira), além da programação e atores envolvidos.

Já o jornal estadual Nippak, que é divulgado em diversas regiões do Brasil, apesar de não ser da região do Vale do Ribeira, aborda de forma mais detalhada, por meio do qual eles veem a necessidade de mostrar a história do *Tooro Nagashi* e informar sobre a cerimônia, que é tratada como símbolo e tradição cultural japonesa no Brasil.

O jornal chama a atenção logo na chamada de capa, que dedica a parte superior para a Cerimônia do *Tooro Nagashi*, “Queremos mostrar que o *Tooro Nagashi* não é só festa, mas principalmente, que se trata de uma cerimônia, cujo objetivo é prestar uma homenagem aos antepassados.”

A capa conta com a foto de vários *Tooros* iluminados no rio Ribeira de Iguape representando os mortos.

Retoma na página 8 e 9, com maior propriedade, relatando a História e objetivo do *Tooro Nagashi* e enaltecendo a festa em Registro “No ano em que se completa 60 anos de existência, o *Tooro Nagashi* de Registro, o mais tradicional do país, volta suas atenções para suas raízes.”. O jornal Nippak também disponibiliza a programação, atores envolvidos e destaca os agradecimentos aos colaboradores do evento.

Considerações Finais

Com esta reflexão, procurou-se trazer a trajetória dos japoneses na cidade de Registro/SP e suas raízes culturais no Vale do Ribeira, dentre elas, o *Tooro Nagashi*. E, de acordo com os dados coletados, o *Tooro Nagashi* tornou-se um dos principais representantes da cultura japonesa na região. Iniciou-se com sete *tooros* e, hoje são centenas soltos no rio Ribeira, devido à grande visibilidade na sociedade.

Ao observarmos a notoriedade na representação do evento por meio dos veículos midiáticos e a participação e envolvimento dos atores, pudemos notar a contribuição da mídia no processo de propagação e perpetuação da tradição cultural japonesa no Brasil, que trouxeram suas bagagens cheias de diferenças, mas ao longo dos anos essas distinções que são próprias a cada cultura, fundiram-se com as demais culturas regionais e estão enraizadas num processo unificado, que torna o Vale do Ribeira único no modo como compõe sua diversidade e identidade.

Para além das questões identitárias e de transmissão de conhecimento, a festividade tornou-se mercadoria que incorpora ainda mais os grupos de descendentes japoneses e demais grupos sociais da região. A dinâmica do ritual estudado é exposta, atualmente de diferentes maneiras a fim de ressaltar as características culturais do passado, mas com a intencionalidade e os interesses de quem comercializa.

Como enfatiza SCHMIDT (2011, 123) a produção cultural simbólica é redefinida pela lógica do mercado, e este apresenta as potencialidades dessa produção. A folkcomunicação intrínseca à festividade *Tooro Nagashi*, desconecta-se do sentido original para ganhar uma posição mercadológica do produto cultural. É criada uma dinâmica nos grupos envolvidos de modo a tomar essa expressão cultural e transformá-la em apresentações artísticas. Uma recriação cultural com vistas ao mercado de consumo de bens simbólicos. E, o turismo, por exemplo, é uma das oportunidades que faz desse patrimônio uma importante ferramenta de desenvolvimento local. Para os turistas, a festividade é símbolo de distinção de uma cultura. É dessa forma que a folkcomunicação é apropriada pela mídia e divulgada como história, tradição e desenvolvimento local.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001.

ASSOCIAÇÃO Cultural Nipo Brasileira de Registro. **Bunkyo Registro**. Registro (SP), 2014. Disponível em: < <http://www.bunkyoregistro.com.br/page/2/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

BUNKYO de Registro. Conheça a história do Tooro Nagashi de Registro. **Jornal Nippak**, São Paulo, 30 out. 2014. Registro Especial, p. 9.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enfermagem**. Brasília (DF), v. 57, n. 5 p. 611-614, set./out. 2004.

CERIMÔNIA do Tooro Nagashi completa 60 anos. **Jornal Regional Vale do Ribeira**. Registro (SP), 31 out. 2014. Capa.

FORTES, Roberto. Alfarrábios: há 100 anos nascia a Colônia Katsura. **Jornal Regional Vale do Ribeira**. [São Paulo], nov. 2013. Disponível em: < <http://regionaljornal.blogspot.com.br/2013/11/alfarrabios-ha-100-anos-nascia-colonia.html>> Acesso em: 20 out. 2014.

FURIHATA, Toshio. **O fascínio da cultura japonesa**: um olhar brasileiro sobre a cultura japonesa. São Paulo: Cepar Consultoria e Participações, 2008. 115 p.

HANDA, Tomoo. **O Imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz. Coleção Cora Vermelha. Estudos Brasileiros; v. 15. 1987. 828 p.

KESTER, W. Carl. **A invasão japonesa**. São Paulo: Atlas, 1992 xxiii, 276 p.

MITA, Chiyoko. **Bastos**: uma comunidade ética japonesa no Brasil. São Paulo: Humanitas/USP, 1999. 224p.

MORAES, Mário Sérgio de. **História da imigração japonesa em Mogi das Cruzes**. São Paulo: Moginews, 2008. 272 p.

OLIVEIRA, Eliana de et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n. 9, p. 11-27. Maio/ago. 2003.

REGISTRO pioneira na introdução das primeiras mudas de chá preto da variedade assâmica no Brasil é conhecida como a Capital do Chá. **Portal Cidades Paulistas, Portal das Cidades do Estado de São Paulo**. São Paulo: Opy Editora, 2008. Disponível em: <<http://www.cidadespaulistas.com.br/prt/cnt/mp-princid-480.htm>> Acesso em: 10 nov. 2014.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 50.652, de 30 de março de 2006. Declara o Município de Registro “Marco da Colonização Japonesa. **JusBrasil**. Palácio dos Bandeirantes, SP, 30 de mar. 2006. Disponível em: < http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/139309/decreto-50652-06?ref=topic_feed> Acesso em: 20 out. 2014.

60° TOORO Nagashi de Registro quer resgatar seu verdadeiro significado. **Jornal Nippak**, São Paulo, 30 out. 2014. Capa.

SCHMIDT, Cristina. **Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário**. Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional / Cátedra Unesco de Comunicação para o desenvolvimento regional, Universidade Metodista de São Paulo, ISSN 1809-435X – Ano 15 – n.15, 2011.

SHIGUTI, Aldo. 60° TOORO Nagashi de Registro quer resgatar seu verdadeiro significado. **Jornal Nippak**, São Paulo, 30 out. 2014. Registro Especial, p. 8.

SHIGUTI, Aldo. Exibição de sumô acontece no domingo com a presença de cerca de 100 lutadores. **Jornal Nippak**, São Paulo, 30 out. 2014. Registro Especial, p. 8.

SILVA, Kalina Vander; SILVA. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006. 440p. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_TRADI%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em: 10 nov. 2014.

TOORO Nagashi completa 60 anos em Registro. **Jornal Regional Vale do Ribeira**. Registro (SP), 31 out. 2014. Tradição, p. 16.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

(MODELO DA ESTRUTURA DO TRABALHO)

Título em Caixa Alta e Baixa⁶

José da SILVA⁷

Maria dos SANTOS⁸

Marcos SOUZA⁹

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o Cinema é uma arte que geralmente se denomina a **sétima arte**, desde a publicação do Manifesto das Sete Artes pelo teórico italiano Ricciotto Canudo em 1911. Dentro do Cinema existem duas grandes correntes: o cinema de ficção e o cinema documental.

Palavras-chave: cinema; ficção; arte; italiano; comunicação.

Texto do Trabalho

Cras interdum diam vitae mauris sodales pulvinar. Donec eu metus sem, et vulputate purus. Etiam at neque vitae metus laoreet adipiscing quis vitae magna. Proin a elit quis risus feugiat commodo vitae ac elit. Sed ante sapien, volutpat ac interdum eu, pulvinar quis quam. Quisque viverra sem luctus lorem venenatis id ultrices ligula ullamcorper. Suspendisse auctor elit eget justo malesuada non tristique neque pulvinar. Morbi placerat urna non massa tempus posuere et ac ante. Quisque feugiat augue non diam euismod posuere. Suspendisse a rutrum lectus. Vivamus volutpat enim ut est lacinia eu venenatis dui euismod. Vestibulum placerat ornare porta. In malesuada nisl vitae nisl aliquet non posuere erat adipiscing. Sed mi neque, lacinia consectetur sollicitudin eu, accumsan sed massa. Proin ultricies luctus tortor, id dapibus ipsum rutrum sit amet. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit.

⁶ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

⁷ Mestrando do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: jpsilva2008@usp.br.

⁸ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: maria.santo@gmail.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: sousalm@usp.br

Duis vulputate gravida dolor, id gravida felis convallis tincidunt. Mauris sed laoreet odio. Proin facilisis augue sed quam consectetur non tempus nisl porttitor. Sed sollicitudin nibh leo, sed egestas dolor. Quisque tempor leo sed lorem tincidunt id placerat turpis malesuada. Pellentesque posuere dolor eu felis convallis bibendum. Donec ullamcorper, est id bibendum tempor, dolor dui venenatis purus, nec egestas magna odio id quam. Mauris lacinia dignissim massa, eget dictum quam accumsan ut. In vitae scelerisque tortor. Nulla facilisi. Phasellus in massa non dolor euismod dignissim.

REFERÊNCIAS

Exemplo com 01 autor:

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.